

REVISTA

ISSN 2764-3867

CONHECIMENTO & CIDADANIA

VOL. III | Nº 48 - NOVEMBRO 2024



DO MANICÔMIO
AO PODER

EDITORIAL

A Revista Conhecimento & Cidadania foi criada por uma família e amigos com o propósito de levar compreensão dos acontecimentos atuais e históricos ao maior número de pessoas possíveis. E exatamente por isso ela é totalmente gratuita e digital.

Leandro Costa - Editor-Chefe
Munique Costa - Editora Adjunta
Pedro Costa - Editor Auxiliar

Produção e Designer

Leandro Costa
Munique Costa

Redação

Leandro Costa
Munique Costa
Pedro Costa

Colunistas

Danielly Jesus
Erika Figueiredo
Juliette Oliveira
Leandro Costa
Marlon da Costa
Mauricio Motta
Neto Curvina

O conteúdo desta edição foi produzido por voluntários que autorizaram a publicação de seus trabalhos, não sendo remunerados, sendo-lhes garantida a menção de autoria.

www.revistaconhecimentocidadania.com

 [Vaquinha online](#)

 Canal whatsapp Revista Conhecimento & Cidadania

 revistaconhecimentocidadania@gmail.com

 [@revistaconhecimentocidadania](#)

 [@revistaconhecimentocidadania](#)

 [@RevConhecimento](#)

 [@conhecimentocidadania](#)



Leandro Costa

EDITOR-CHEFE

Servidor público,
professor de Direito,
idealizador do projeto
Direito nas Escolas, autor
do livro: Direito nas
Escolas e Diretor na
Associação Brasileira de
Juristas Conservadores.

Revista Conhecimento &
Cidadania
Vol. III – Nº 48
Novembro de 2024
Rio de Janeiro – RJ
Menezes Costa
CNPJ 28.814.886/0001-26
ISSN 2764-3867

COLUNISTAS

LEANDRO COSTA

Servidor público, professor de Direito, idealizador do projeto Direito nas Escolas, autor do livro: Direito nas Escolas e Diretor na Associação Brasileira de Juristas Conservadores

DANIELLY JESUS

Jornalista (DRT), YouTuber, podcaster (Cafe com Dani no Spofy), escrevo para os sites Mundo Conservador e PHVox, sou radialista na web rádio Atroz FM.

NETO CURVINA

Ministro do Evangelho, teólogo, escritor e educador

ERIKA FIGUEIREDO

Promotora de Justiça. Escritora, Professora/Palestrante. Colunas Tribuna Diária/Conservador Parahyba.

JULIETTE OLIVEIRA

Teóloga, filósofa e engenheira

MAURICIO MOTTA

Professor licenciado em História Pós-graduado em História do Brasil.

MARLON DA COSTA

Empresário

Financiamento coletivo

Precisamos de você, leitor

Nosso esforço central é despertar as pessoas, com textos que estimulam a reflexão, aguçam a vontade de adquirir mais conhecimento e naturalmente enxergar a verdade.

Um mundo melhor é o que queremos, mas para que isso aconteça precisamos despertar, fazer a nossa parte, assim buscamos resgatar a cidadania através de conteúdo.

Sua doação permitirá:

- Adquirir um domínio para a Revista Conhecimento & Cidadania;
- Manter a plataforma do site;
- Manter a revista digital gratuita;
- Edições de vídeos mais profissionais;

[Clique aqui](https://www.vakinha.com.br/4961006) e faça sua doação e também ajude compartilhando o link: **<https://www.vakinha.com.br/4961006>**.

Caso não queira se cadastrar na plataforma da Vakinha online, doe qualquer valor para a Chave PIX: **28.814.886/0001-26**.

Agradecemos seu apoio,

Editorial

Do manicômio ao poder



“Esse meu mestre, por mil sinais, foi visto como um lunático, e também eu não fiquei para trás, pois sou mais pateta que ele, já que o sigo e o sirvo, se é verdadeiro o refrão que diz: ‘diga-me com quem anda e te direi quem és’ e o outro de ‘não com quem nasce, mas com quem passa’.” Sancho Pança (Dom Quixote de La Mancha – Miguel Cervantes).

No clássico Dom Quixote de La Mancha, um corajoso cavaleiro já em idade avançada para a época, enfrentava monstros gigantes com a ajuda de seu fiel escudeiro Sancho Pança enquanto busca salvar sua amada em uma aventura memorável, não fosse pelo autor, Miguel de Cervantes, ter redigido uma sátira que gira em torno da loucura do protagonista, de maneira que, o Fidalgo, tomado por sua desconexão da realidade imaginária, não somente a donzela em perigo, mas os gigantes que acreditava lutar, que, em verdade eram moinhos de vento.

Mesmo, por vezes, alertado por Sancho da realidade que os rodeava, o nobre cavaleiro espanhol insistia em combater ovelhas e se aventurar por seu mundo imaginário, seguindo em busca de um amor inexistente, portanto, utópico e renunciando a realidade, uma vez que, não era o herói das lendas de cavaleiros que tanto admirava. Ao menos a loucura de Dom Quixote não causaria maiores danos a terceiros, pois, sendo um cavaleiro sem tropas, não era capaz de curvar o mundo à sua imaginação, somente Sancho Pança e o cavalo eram constrangidos a suportar os devaneios do protagonista do genial

Leandro Costa

conto. Em um exercício de imaginação, poder-se-ia o leitor supor que, caso Dom Quixote fosse o Rei da Espanha, as consequências de sua loucura sobre a sociedade seriam significativamente mais graves.

Fora das páginas de ficção, a história da humanidade aponta diversos casos de indivíduos ou grupos desconexos da realidade, seja por uma visão deturpada de mundo ou por assimilarem narrativas daqueles que buscam afastá-los da verdade, escravizando-os em uma espécie de bolha de realidade alternativa, entretanto, é preciso dizer que a loucura per si, pode, ainda que no mundo real, acarretar grandes consequências à sociedade, excetuando os casos em que os acometidos assumam papel de protagonismo, ou grande relevância, no campo do poder.

Um louco investido de poder pode ser um grande mal e suas ações poderão criar prejuízos, por vezes irreparáveis àqueles que buscam manter a sanidade, a liberdade ou, em alguns casos, apenas viverem suas vidas em paz.

Não podemos descartar que, em se tratando da loucura atribuída aos poderosos, é preciso observar a intenção daquele que a denuncia e, se há evidências de que tal acusação é factual, posto que, a difamação também pode ser um instrumento daquele que busca impor sua vontade sobre os outros, ainda que esta seja resultante de sua negação da realidade. A título de ilustração, sugere-se uma análise acerca das críticas feitas líderes, apresentando três hipóteses distintas.

Em um primeiro momento citaremos Lenin, Stalin, Hitler e outros líderes totalitários do início do século passado, déspotas que mereceram as acusações que sobre eles recaíram, sendo certo que seus planos, movidos pela fome insaciável de poder, apresentavam-se como formas miraculosas de salvação, uma busca mais utópica que a de Dom Quixote por sua amada imaginária, que somente servia para os manterem no topo. Seja pelo esoterismo doentio e a busca por uma raça superior, apresentada pelo Nacional-socialismo a um povo que clamava por mudanças, após a derrota na I Grande Guerra, aceitando assim que os revolucionários envolvidos no misticismo ocupassem o poder na Alemanha, bem como, as falsas promessas de que uma revolução traria melhores condições de vidas a operários e camponeses foram a desculpa para que um partido composto por líderes inspirados nas mentiras propostas por Marx, assumissem o poder naquilo que se transformou na União Soviética. Lembrando que, tais narrativas não eram tão compradas pela grande parte da população, apenas pelos setores determinantes, mas isso é um assunto para outro momento.

Os líderes revolucionários que mancharam o mundo com o sangue de inocentes, são merecedores das mais severas críticas e suas ações devem servir de exemplo negativo para todas as futuras gerações, de maneira que, o socialismo, o nazismo e o fascismo devem ser tratados como chagas que acometeram a humanidade, uma delas ainda muito presente, e, portanto, incessantemente combatidos. Aquelas figuras bestiais que, junto de seus asseclas, levaram milhões de vidas a termo em campos de concentração, ainda

Leandro Costa

que chamados de Gulag ou campo de reeducação, merecem que seus nomes sejam constantemente citados como aquilo que foram e são, canalhas famintos pelo poder e tiranos abjetos.

Em um segundo momento, temos que observar os casos em que as difamações resultam da mente doentia dos que se declaram críticos, ou ainda pior, omitem tal condição, para atribuir, falsamente aos líderes que não são de seu agrado ou atendem sua intenta doentia pelo poder, adjetivos que não encontram quaisquer fundamentos na realidade. Casos como do recém-reeleito Presidente dos Estados Unidos da América, Donald J. Trump, e quaisquer outros líderes rotulados como de extrema-direita, sobre os quais recaem acusações como perseguição de minorias, totalitarismo e, por mais patético que pareça, uma suposta adesão ao fascismo e nazismo, ainda que preguem e atuem no sentido de reduzir o poder estatal sobre os indivíduos e a liberdade de expressão.

A grande mídia, em nome de sua própria sobrevivência, aderiu à [luta contra a liberdade de expressão](#), algo que coloca em risco a centralização da informação, ameaçando regimes totalitários, governos que pretendem se impor através de mentiras e as narrativas propostas pela própria imprensa que, não em raros casos, negocia seu poder de difusão em troca de favores e riquezas junto aos tiranos que precisam de seu assessoramento. Por tal razão, ataques daqueles que deveriam informar, tentam transformar em tiranos aqueles que não se submetem ao plano maior, que emana da [Torre de Marfim](#), sendo, portanto, os líderes daquilo que a mídia convencionou chamar de extrema-direita, atacados de forma despudorada pela imprensa e a classe artística que está sob sua batuta.

Nota-se que a grande mídia, ao menos nos Estados Unidos da América, assume uma postura partidária, deixando claro que tem predileção por um espectro ou partido político e que não se furta em influenciar os cidadãos no que tange à tomada de decisão. Se por um lado, a posição declarada de um meio de imprensa pode nos ser estranha, por outro, podemos ver o que ocorre no campo político brasileiro, no qual a mídia, salvo raras exceções, finge isenção quando, em poucos minutos se declara de forma gritante em favor de um lado específico.

O atual proprietário do [Washington Post](#), em uma carta na qual busca justificar a não declaração pública de seu jornal em favor de um lado na corrida eleitoral americana, argumentando que, ao fazê-lo, a imprensa põe-se em descrédito perante o destinatário da notícia, uma vez que, alerta-o para a postura parcial do meio de comunicação, de tal forma, que seria recomendado aos canais de imprensa que se abstenham de anunciar apoio a determinado candidato ou partido. Se por um lado o bilionário tem razão, no que diz respeito ao descrédito de uma fonte abertamente partidária, por outro prisma, pode-se concluir que tal cisão de mundo pretende privilegiar a sórdida e dissimulada falsa isenção à verdade, fazendo do veículo ainda mais questionável.

Leandro Costa

No caso da imprensa brasileira, que, sem sua maioria, tenta omitir sua parcialidade ao não declarar sua posição política ou partidária, quando em verdade, suas ações deixam evidente sua adesão a um espectro política, praticando assim a artimanha sugerida pelo proprietário do jornal americano, fica claro que, o compromisso de tais corporações com a verdade está longe de ser uma prioridade. A sugestão abjeta do bilionário americano é, em verdade, uma decorrência de sua falta de valores, um sinal evidente de ausência moral, que pretende esconder nas sombras a sua verdadeira intenção, entretanto, no cenário brasileiro a prática é quase uma regra, expondo a falta de caráter que corroera como ferrugem os editoriais dos jornais.

Muito mais dignos são aqueles que se declaram como partidários de um espectro político, restando evidente que, embora [apodrecido pelo relativismo moral](#), um pasquim declaradamente socialista ainda é menos sórdido que os que fingem imparcialidade. Igualmente seria o Judiciário, se, por qualquer motivo, aderisse a uma corrente político-partidária ou lutasse para vencer qualquer personagem no campo ideológico, pois, evidentemente, não é o papel de um Poder que, por não ser composto por líderes eleitos, conserva sua legitimidade no fiel cumprimento das leis e a manutenção de uma distância mais que segura da disputa política. Natural que, nenhum torcedor ou atleta aceitaria de bom grado que o árbitro “vestisse a camisa” do time adversário.

Por fim, é importante mencionar aqueles líderes que não podemos atestar se foram difamados ou merecedores de seus rótulos como loucos, haja vista o tempo decorrido e possíveis distorções históricas acerca de seus feitos. Citamos aqui figuras como Nero, [Calígula](#) ou Ivan o Terrível, que podem ter sido figuras desprezíveis como Stalin e Hitler ou alvos de ataques de opositores mentirosos com Donald Trump, podendo ser os relatos verdadeiros, mentirosos ou mesmo redigidos de forma não literal.

A narrativa de que o Imperador Nero tocava sua lira enquanto parte Roma ardia em chamas pode ser um relato histórico preciso, deixando claro que o governante era nada além de um louco desligado de suas atribuições e pouco se importava com seu povo, bem como, pode ser mera obra da criatividade de seus opositores que, aproveitando-se do incêndio, culpavam o senhor do Império para desacreditá-lo diante do povo. Nota-se que incêndios podem ser uma responsabilidade daquele que governa ou consequência de fatores incontroláveis, segundo aqueles que contam a história, como é o caso dos últimos incêndios em terras brasileiras, antes um caos que a imprensa e grande parte da classe artística atribuíram ao governante, mas que, atualmente, deixou de ser um grande problema, que pode ser culpa de fatores externos ou as cinzas são varridas para baixo do tapete.

O relato de Nero e sua lira também pode ser uma forma não literal de relatar o descaso do Imperador em relação àqueles que o incêndio afetara, dando um ar lúdico à postura reprovável daquele que tinha o dever de agir quando enquanto a desgraça se abatia sobre seu povo, ou mesmo, que não

Leandro Costa

concorrer para minimizar os estragos. De certa forma, como um governante municipal que restringia festejos, aglomerações e outras atividades no âmbito da cidade, mas que curtia uma acalorada final de campeonato ou uma roda de samba evidenciando total descaso com aqueles que, diante de suas ações, se viam prejudicados.

O grande problema em ter um louco no poder é que a sua negação da realidade pode causar danos irreparáveis, tanto a indivíduos quanto à sociedade como um todo, pois, no afã de colocar em prática seus desígnios transloucados, considerará que qualquer obstáculo, ainda que seja a realidade, deve ser superado. Por isso, as hordas revolucionárias são, cada vez mais, bestializadas por seus senhores, a ponto de clamarem pelo sangue de qualquer um que não se curve à loucura por ele promovida.

A constante busca pela criminalização do pensar diferente e dizer aquilo que os revolucionários não aceitam é um traço que evidencia o quão desconexo da realidade tais figuras se tornaram, posto que, pedem que as vozes sejam caladas por não replicam seus gritos tribais delirantes e que até pensamentos sejam reprimidos, mesmo que sejam aqueles que se caçam na verdade. Não importa se a realidade os confronta, como relativistas, os revolucionários preferem morder aquilo que não podem controlar, transparecendo sua real natureza.

Não é novidade que as pautas identitárias mais radicais, conhecidas como pautas “woke”, termo que significa acordado ou desperto, sendo uma nomenclatura “autoconferida” pelo grupos progressistas que lutam abertamente contra a natureza e a verdade, alegando que são capazes de enxergar aquilo que os demais, que devem considerar como adormecidos, não podem devido à limitação moral que supostamente possuem. Na verdade, o que impede os demais de compartilharem a visão “woke” é a impossibilidade de ver nos moinhos de vento os monstros gigantes que somente os loucos podem perceber.

Como se as pessoas presas à realidade fossem a personificação de Sancho Pança e, se vissem forçadas, a concordar com Dom Quixote acerca de suas visões, mesmo não sendo possível que ingressem no mundo fantasioso criado pelos autointitulados progressistas, que, usando a força, em regra estatal, compelem o restante da sociedade a engolir sua esquizofrenia como algo que não pode ser resistido, uma vez que, gozam da proteção de autoridades que alimentam a onda de loucura para poderem, fingindo atender os anseios dos alucinados, avançar seu controle sobre os indivíduos.

Pessoas que suplicam o uso de uma linguagem que nem mesmo elas são capazes de utilizar, como o caso de um político brasileiro que não admite ser tratado conforme seu sexo natural, mas que, em ato falho disse que, se ganhasse uma determinada eleição seria ocupante de um cargo o qual apresentou na forma adequada ao seu sexo de nascimento, se contradizendo, por mais de uma vez, no que diz respeito a sua alegada transmutação.

Leandro Costa

Os loucos passaram a integrar turbas que são capazes de ecoar seus devaneios graças a ambição de outro que são bem mais perigosos, haja vista que, se os que buscam, inutilmente, lutar com a realidade, acabam tomados pelo narcisismo, exigindo que suas vontades sejam atendidas como crianças mimadas que esperneiam para que um adulto retire um brinquedo de outra criança, inicialmente por desejarem o brinquedo, mas, em um segundo momento, apenas para demonstrar superioridade em relação àquele que teve seu bem retirado.

Não por acaso, todo revolucionário é movido pela inveja, desejando que o Estado revolucionário retire de outrem aquilo que cobiça e, em um momento posterior, apenas que o poder estatal dobre as pessoas diante de sua presença, pois, o narcisismo é uma mancha que está gravada na essência de tais figuras. Basta observar como a busca pela fama, ainda que negativa, tornou-se um combustível indispensável pelos seguidores da revolução, muitos dos quais, precisam se colocar em posições de detentores ou representantes de um nicho, ainda que inventado, para ter poder de barganha junto aos poderosos.

Tudo aquilo que contradiz a loucura dos narcisistas é considerado por eles como uma reação a seus delírios, logo, uma ação de ódio que visa destruir aquilo que lhe é caro, o que, de certa forma, é uma verdade, posto que, ao trazer à lume a verdade põe-se em risco a existência do mundo imaginário em eu o revolucionário narcisista se sente confortável, afinal, trata-se de um universo cunhado na esquizofrenia de seus pares, todos lutando para prevalecer diante da realidade.

A agenda “woke” alimenta tudo aquilo que puder afastar o indivíduo da verdade, pois um louco narcisista é incapaz de sobreviver em uma sociedade que o chama constantemente à realidade, tentando fugir daquilo que o incomoda, que é sua real natureza e de tudo aquilo que o cerca. Um homem que se recusa a aceitar sua natureza e, não satisfeito em lutar contra ela, busca impor aos demais membros de uma sociedade, encontrando abrigo em um tipo pior de louco, aquele que, apesar de não comungar de suas ilusões, as alimentará tão somente para que receba mais poderes para suprimir a vontade dos que ainda estão vendo e buscando a verdade, na qual, a autoridade que afaga os narcisistas esquizofrênicos é um monstro psicopata.

Em síntese, quando se pune os que dizem a verdade na defesa de ideologias deslocadas da realidade, o que se busca não é proteger a sensível figura insatisfeita com sua existência, mas impedir que lhe exponham o mundo real, o que poderia resultar na liberdade em relação àqueles que realmente escravizam sua consciência.

Dom Quixote, apesar de louco, valorizava a liberdade, uma vez que, seu mundo de faz de conta não era imposto sequer a Sancho, pois, o escudeiro ainda podia manter a sua consciência, entretanto, os loucos atuais, que não sugerimos sejam internados, mas que sejam impedidos de exercerem o domínio

Leandro Costa

sobre os que vivem na realidade, buscando impor, pela força, que outros se curvem aos seus anseios irreais, algo que é impossível.

Não obstante, os loucos que, de fato, representam perigo são os que ocupam posições de poder e insistem em alimentar dos devaneios para aumentarem o alcance de seus tentáculos pútridos.

A revolução é um movimento que engana os narcisistas esquizofrênicos para que sigam autoridades psicopatas. Na vida real, o final daqueles que acham que encontram abrigo nos braços de tiranos é acabar sendo devorado pelos monstros que alimentaram.

“A liberdade, Sancho, é um dos mais preciosos dons que os homens receberam dos céus. Com ela não podem igualar-se os tesouros que a terra encerra nem que o mar cobre; pela liberdade, assim como pela honra, se pode e deve aventurar a vida, e, pelo contrário, o cativo é o maior mal que pôde vir aos homens”. Dom Quixote (Dom Quixote de La Mancha – Miguel Cervantes).

Participe

Participe da nossa vaquinha



Em um momento turbulento, surge a Revista Conhecimento & Cidadania.

Nossos colunistas são todos voluntários, bem como todos que trabalham para a publicação da revista digital. E não estamos em busca de rentabilidade para este incrível projeto, porém devido ao cenário atual estamos com dificuldade em aumentar nosso alcance.

Por isso decidimos realizar essa vaquinha online.

Com o valor arrecadado será possível melhorar a visibilidade em nossas redes sociais, ter uma edição de vídeo mais profissional para o canal no Youtube e quem sabe conseguirmos fazer edições impressas para distribuição gratuita, assim como já acontece com a digital.

Nosso esforço central é despertar as pessoas, com textos que estimulam a reflexão, aguçam a vontade de adquirir mais conhecimento e naturalmente enxergar a verdade.

<https://www.vakinha.com.br/4961006>



**Todo dia é um novo 7 x 1
Ou o Varguismo não dá folga**



Um dos assuntos que mais vêm movimentando as redes sociais brasileiras recentemente é o fim da escala 6 x 1, onde o trabalhador tem um dia de descanso após seis dias consecutivos de trabalho. A proposta, de autoria da deputada federal Erika Hilton (PSOL-SP), prevê inicialmente a substituição dessa escala por outra que, supostamente, trará mais qualidade de vida aos trabalhadores. Segundo a própria autora, a ideia seria apresentar uma proposta bastante ambiciosa para, após muitos debates, definir um projeto mais adequado à realidade.

A princípio, a escala proposta é a 4 x 3, que visa ampliar o período de descanso e recuperação, esperando-se um aumento significativo de produtividade, dignidade e qualidade de vida para o trabalhador. A questão que tem gerado muitas discussões é a viabilidade do projeto, diante da relação custo-benefício. Muitos alegam que a demanda por serviços aos fins de semana impõe a necessidade de manutenção do comércio e até mesmo de setores da indústria em funcionamento aos sábados, domingos e feriados. Assim, para garantir a continuidade da oferta, seriam necessárias contratações de mão de obra (o que seria muito bom) ou horas extras. Em qualquer dos casos, poderia haver elevação dos custos de oferta, que seriam, possivelmente, repassados aos usuários ou consumidores, podendo gerar inflação e/ou desemprego.

De fato, segundo [estudo elaborado](#) pelo International Institute for Management Development (IMD), em parceria com o Núcleo de Inovação e Tecnologias Digitais da Fundação Dom Cabral (FDC),

Mauricio Motta

o Brasil ocupa a posição 62 dentre 67 países analisados. Contudo, ainda de acordo com o estudo, os fatores que puxam para baixo a classificação brasileira são: ineficiência do estado e das empresas, intervencionismo estatal, alta carga tributária, elevada burocracia, índices educacionais ruins, baixo domínio de outros idiomas, e a lista prossegue.

Não é possível interpretar e agir sobre problemas fundamentais que afetam a maior parte da população com decisões rápidas ou emocionais. Usando um aforismo que já se tornou "meme" nas redes sociais: *"problemas difíceis não são fáceis"*. Não pretendemos dar um veredito sobre este tema, nem tampouco agir publicitariamente afirmando, como temos visto em diversos canais de mídia, *"o que não te disseram sobre o fim da escala 6x1"*, ou ainda *"tudo o que você precisa saber sobre o fim da escala 6x1"*. Ainda que este texto seja opinativo, nosso objetivo é agregar mais informações para que você, leitor, decida o que pensar sobre este tema.

Ainda não se passaram 10 anos desde a aprovação da Lei Complementar 150/2015, que regulamentou a Emenda Constitucional nº 72, agregando novos direitos às empregadas domésticas. Naquela época, da mesma forma, pretendeu-se agregar cidadania e qualidade de vida às trabalhadoras domésticas, regulando sua participação no mercado de trabalho. Entretanto, segundo informado pela Agência Brasil em 02/04/2023: *"Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) indicam que, em dez anos, o número de empregadas domésticas diminuiu. Neste período, houve crescimento da atuação de diaristas. Atualmente, três em cada quatro trabalhadoras domésticas no Brasil"*. Entendemos que, após a regulamentação, os empregadores buscaram os serviços de diaristas, limitando a dois dias por semana para evitar os custos agregados pela formalização. Na mesma publicação, a Agência Brasil também informa que a crise da pandemia agravou o problema: *"A classe média foi o segmento que mais perdeu renda durante a pandemia, afetando as contratações de domésticas mensalistas. Além disso, com a adoção do home office, muitos assumiram parte das tarefas domésticas antes desempenhadas pelas trabalhadoras domésticas"*. Assim, as empregadas domésticas se tornaram reféns e soterradas sob o concreto da legislação trabalhista.

Para falar de legislação trabalhista, precisaremos iniciar com Getúlio Dornelles Vargas, nosso 14º e 17º presidente. É muito comum ouvirmos dizer que foi graças à benemerência de Vargas que o trabalhador pôde ser protegido das agruras do mercado de trabalho. Bem, as coisas não são exatamente assim.

O governo de Getúlio Vargas, ao sancionar a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) em 1º de maio de 1943 em pleno estádio de São Januário no Rio de Janeiro, não pode ser considerado o criador das leis de proteção ao trabalhador no Brasil, como muitas vezes é retratado. A CLT foi, na verdade, uma consolidação das normas trabalhistas que já existiam antes de sua sanção, reunindo-as em um único texto

Mauricio Motta

legal. Ainda que algumas novas regras tenham sido criadas àquela época, consolidar e criar são conceitos diametralmente opostos, e é fundamental entender essa distinção ao analisar a evolução do direito trabalhista brasileiro.

O [Decreto nº 1.313](#) de 1891 iniciou a regulamentação do trabalho de crianças e adolescentes exclusivamente na Capital Federal (RJ), assinado pelo chefe do governo provisório, Deodoro da Fonseca. Esse decreto foi uma das primeiras normativas no Brasil que estabeleceu restrições ao trabalho infantil, proibindo o emprego de crianças menores de 12 anos em fábricas.

A primeira grande lei voltada para os direitos dos trabalhadores foi a [Lei nº 3.724/1919](#), que estabeleceu as bases para a proteção do trabalhador em caso de acidente de trabalho. Foi a primeira legislação brasileira a regular as obrigações decorrentes de acidentes de trabalho, estabelecendo o seguro obrigatório contra acidentes do trabalho em algumas atividades.

O [Decreto nº 16.300](#) de 1923, assinado por Arthur Bernardes, regulamentava o Departamento Nacional de Saúde Pública, o trabalho nas fábricas e oficinas, incluindo medidas para proteger mulheres e crianças, estabelecendo limitações para jornadas e condições de trabalho.

O [Decreto nº 4.982](#), de 24 de dezembro de 1925, foi o primeiro a estabelecer o direito a férias remuneradas para os trabalhadores do setor privado no Brasil. O decreto estabelecia que os empregados e operários de estabelecimentos comerciais, industriais, bancários e de instituições de caridade e beneficência deveriam receber 15 dias de férias anualmente, sem prejuízo do seu salário. As férias podiam ser concedidas de uma só vez ou parceladas.

Em 1943, o governo Vargas, por meio do Decreto-Lei nº 5.452, consolidou essas leis dispersas em um único código, tornando o direito trabalhista mais claro e acessível. Portanto, tratava-se essencialmente de um aprimoramento.

Embora a CLT tenha sido responsável por algumas inovações, como o estabelecimento de um terço de férias ou a criação da Justiça do Trabalho, como vimos, muitas dessas inovações estavam dentro de um contexto maior de aperfeiçoamento das leis já existentes.

A eleição direta e com voto secreto que escolheu os deputados constituintes, os quais elaboraram a nova Carta Constitucional de 1934, incluiu em seu texto diversos artigos que contemplavam aqueles decretos e leis de proteção ao trabalhador. Vargas, naquele momento, sancionou o que os constituintes democraticamente escolhidos redigiram e aprovaram.

Esse entendimento é fundamental para esclarecer que, ao contrário do que muitas vezes é sugerido, as leis de proteção ao trabalhador no Brasil não surgiram apenas com Getúlio Vargas, mas sim com um processo gradual e progressivo de regulamentação trabalhista que já estava em curso nas décadas anteriores, muito antes de 1943.

Mauricio Motta

Não se pode negar que, para aquele tempo, a legislação trabalhista foi fundamental para estabelecer os moldes e resguardar a dignidade, formatando o trabalho em caracteres cidadãos e protegendo a saúde e a vida dos trabalhadores. Mas vivemos novos tempos. Novos trabalhos, modalidades e formatos surgiram ao longo do tempo, tornando explícito o dinamismo das novas relações de trabalho.

Conforme vimos, as legislações, a cada ano mais ampliadas, têm reforçado os baixos índices de produtividade e competitividade. O estudo citado reflete este problema quando destaca a "*ineficiência do estado e das empresas, intervencionismo estatal, alta carga tributária, elevada burocracia, índices educacionais ruins, baixo domínio de outros idiomas*" (...).

Se tomarmos por base a realidade e a história, e não apenas as boas intenções, lembraremos o exemplo das empregadas domésticas citadas anteriormente. Constataremos que, em um dos países menos burocráticos nas questões trabalhistas, os Estados Unidos, atraem-se ano após ano massas de trabalhadores brasileiros, muitos deles ilegais, buscando na quase total ausência de regulamentações uma oportunidade de ganhos financeiros reais.

O Brasil, como fornecedor de commodities, tem sido bem-sucedido, mas quando entra na disputa por mercados internacionais de produtos industrializados, se vê ancorado pela sua legislação. Nossos custos são maiores. Se observamos o setor terciário da economia, que abrange o comércio e a prestação de serviços, percebemos que a geração de vagas está sujeita às limitações de demanda de consumo, e esta se vincula aos custos da produção industrial. Temos um círculo vicioso que vai estagnando nosso ambiente econômico e de trabalho.

Finalmente, é fundamental refletir sobre as propostas regulamentadoras, para além dos benefícios imediatos, do raciocínio simplista e da satisfação dos desejos mais imediatos. O assunto é sério, envolve nosso presente, mas principalmente nosso futuro. Se não atentarmos para a escala 6 x 1 agora, teremos em breve mais um 7 x 1.

SOY LOCO POR TI, AMERICA



A vitória de Donald Trump, eleito 47º Presidente dos Estados Unidos da América, encerra em si várias lições, que o mundo precisa aprender, antes que seja tarde demais. Sobretudo, acerca dos rumos que temos escolhido como civilização, diante de tanta polarização.

Trump veio comprovar, com sua expressiva votação, que a lacração e a agenda woke, repleta de ideologias e “desconstruções do mundo como nós o conhecemos”, tornou-se insuportável e ameaçadora, para as pessoas comuns, que trabalham, criam filhos, vão à igreja, cuidam da casa e têm sido submetidas a todo tipo de bizarrice, ouvindo os discursos e narrativas e vendo transformações que pipocam por todo canto.

A verdade é uma só: a tradição, a religião e a família importam, e por mais que se tente destruir esses três pilares civilizatórios, em algum momento, as coisas irão explodir, pois não é possível viver em um mundo em que não há regras e valores.

A liberdade, como dizia Ronald Reagan, está a apenas uma geração da extinção, caso não se tenha consciência do que realmente importa e precisa ser preservado.

Erika Figueiredo

Trump, desde seu primeiro mandato, em 2016, firmou-se como conservador nos costumes e liberal na política, defendendo a livre concorrência, menores impostos e intervenção estatal na economia, queda da inflação e medidas que incentivem o crescimento dos EUA, como nação e potência.

Também foi um feroz crítico das transformações sociais que a agenda progressista quer promover, na medida que sempre compreendeu que o cidadão comum não quer conviver com as loucuras e excessos que várias minorias tentam impor.

Aliás, o conservadorismo está se fortalecendo em todo o mundo, bem como a Igreja Católica, em decorrência dos abusos que tem sido propagados por toda parte, e pela submissão de governos de esquerda a essas pautas, tornando seus países extremamente vulneráveis as mudanças que, no futuro mostram-se demolidoras.

Um exemplo é o Canadá, com suas políticas de liberação total do aborto e das drogas, livre imigração e tolerância à criminalidade. Agora, em um ponto já sem retorno, em que os drogados invadiram as ruas das grandes cidades e ameaçam a segurança dos moradores, os imigrantes do mundo todo tomaram o país de assalto, aumentando o desemprego e a criminalidade e gerando uma grave crise de moradias e a taxa de natalidade despencou a níveis extremamente preocupantes, tenta tomar medidas para restringir o mal que foi implantado pelo próprio governo, sem muito sucesso.

Há bolsas de auxílio a drogados e imigrantes, abortos feitos gratuitamente e de forma indiscriminada e a terrível sensação de que não há solução a curto prazo. Lojas são saqueadas à luz do dia, pela política de não punibilidade dos delitos pequenos e furtos de baixo valor e a população tornou-se refém do monstro que o governo canadense criou.

O que Donald Trump sinaliza é tudo que a esquerda quer ocultar: as ideologias perversas não funcionam na prática, e somente políticos inescrupulosos e pesquisadores de gabinete e ar-condicionado, que vivem em uma bolha e não irão experimentar as mudanças que defendem, acreditam que isso pode dar certo. E, infelizmente, vão capturando a população com seus discursos fantasiosos.

Entretanto, o americano médio cansou-se disso, por sentir na pele e no bolso, o que o partido democrática fez com seu país. Kamala Harris, uma despreparada alucinada, que sucederia um presidente senil e caquético, não conseguiu convencer o povo americano de que teria pulso e competência para governar a maior potência do mundo.

Com o avanço do comunismo chinês e russo, as guerras da Ucrânia e do Oriente Médio e a imigração desenfreada, a percepção de que tempos difíceis pedem medidas extremas e que só Donald Trump pode

Erika Figueiredo

ajudar a frear isso e proteger os Estados Unidos, deu-lhe uma vitória arrasadora nos colégios eleitorais e no Parlamento, bem como no voto popular.

Desejo ao Presidente Donald Trump um excelente governo, com prosperidade, paz e sucesso em todas as delicadas medidas que precisará adotar, mas que não só tornarão a América grande novamente, mas também protegerão o resto do mundo dos perigos que estão à espreita.

Acompanhe nosso blog em: www.revistaconhecimentoocidadania.com/blog



Primeira-dama



Após o fim dos impérios, a sociedade passou a conviver com uma figura denominada primeira-dama. Esposa do presidente eleito, ela é, ou deveria ser, um símbolo representativo não apenas do país que ocupa, mas também dos valores que deseja transmitir.

Listo aqui alguns pontos que vejo como cruciais em uma primeira-dama:

Comunicativa, mas Diplomática: Uma primeira-dama deve ser capaz de se comunicar de maneira eficaz, mas com cautela. Mensagens para o público devem ser ponderadas, evitando debates acalorados que possam gerar divisões ainda maiores na sociedade.

Focada em Ações Sociais: O foco deve estar em causas sociais relevantes, buscando apoio e promovendo iniciativas que tenham impacto real na vida das pessoas. Esse compromisso com o bem-estar coletivo fortalece a imagem da primeira-dama e, conseqüentemente, do governo.

Modelo de Comportamento: Como figura pública, a primeira-dama deve servir de exemplo. É importante que suas ações e declarações inspirem respeito e admiração, promovendo valores como tolerância, solidariedade e inclusão.

Acessível, mas com Respeito à Tradição: Embora a proximidade com o povo seja crucial, é fundamental que a primeira-dama respeite as tradições e protocolos que cercam a posição, assegurando uma imagem que combine modernidade e respeito ao papel que ocupa.

Danielly Jesus

Comprometida com a Inclusão: A primeira-dama deve estar atenta às questões sociais que afetam diferentes grupos, buscando sempre uma abordagem inclusiva que amplie o alcance das suas ações e alcance os mais necessitados.

Podemos relembrar dos trabalhos que algumas ex-primeiras-damas do Brasil executaram.

Rosane Collor

Foi a primeira-dama do país durante a presidência de seu ex-marido, *Fernando Collor*, o 32.º presidente do Brasil, que governou de 15 de março de 1990 a 29 de dezembro de 1992. Antes de assumir o papel de primeira-dama do país, foi a primeira-dama de Alagoas, exercendo a função de 15 de março de 1987 a 14 de maio de 1989, durante o mandato de Collor como governador do estado.

Rosane assumiu o papel de primeira-dama do Brasil, tornando-se a presidente da *Legião Brasileira de Assistência (LBA)* em 20 de Março do mesmo ano. Em sua gestão, ela passou a percorrer o país para avaliar de perto as desigualdades sociais e elaborar políticas de assistência voltadas para populações de baixa renda, focando especialmente em áreas vulneráveis onde a LBA poderia atuar diretamente. Seu objetivo era reduzir as disparidades sociais por meio do acesso facilitado a serviços básicos e auxílio emergencial.

Ruth Cardoso

Foi uma antropóloga e professora universitária brasileira, esposa de *Fernando Henrique Cardoso*, 34.º presidente do Brasil, e a primeira-dama do país de 1 de janeiro de 1995 a 1 de janeiro de 2003. Se engajou em políticas sociais como o *Programa Comunidade Solidária* e, posteriormente, o *Comunitas*. Na sua posição, impôs gradativamente a modernização do assistencialismo no país.

Exerceu cargos de destaque como o de coordenadora do conselho assessor do *Banco Interamericano de Desenvolvimento sobre Mulher e Desenvolvimento*. Foi membro da junta diretiva da *United Nations Foundation* da Organização das Nações Unidas (ONU) e da Comissão da Organização Internacional do Trabalho sobre as Dimensões Sociais da Globalização e da Comissão sobre a Globalização.

O *Programa Comunidade Solidária*, implantado em 1995 pelo governo para o combate da extrema pobreza, funcionava nos âmbitos governamental e sociedade civil, e veio em substituição aos extintos órgãos da *Legião Brasileira de Assistência (LBA)* e *Conselho Nacional de Segurança Alimentar*.

Além de antropóloga, dona Ruth era escritora; escreveu várias obras sobre imigração, sendo uma específica sobre a imigração japonesa.

Danielly Jesus

Penso que o leitor, assim como eu, discorda de várias ações oriundas dos respectivos maridos das duas personalidades citadas acima; contudo, é importante destacar que ambas cumpriram (cada uma a seu modo) o papel de auxiliares de seus esposos, enquanto no cargo de presidente da República. As exceções ficam por conta das duas esposas de Lula (por que será?).

Quando se ouve o nome de *Marisa Leticia*, é impossível não lembrar de um “*ato importantíssimo*” para a democracia nacional: quando houve um pannelo em protesto contra o Partido dos Trabalhadores, a primeira-dama fez um singelo comentário por telefone com seu filho *Fabio Luiz*, o *Lulinha*: “*Enfiem as panelas no c...*”. Que elegância britânica, não?

Com o Todo-Poderoso como minha Santa testemunha, procurei feitos sociais e beneficentes de dona Marisa e não encontrei nada que pudesse trazer à baila; eu pensei com meus botões: “*Não importa que ela seja de esquerda e tenha sido esposa do Nove-Dedos, alguma coisa boa essa mulher deve ter feito, não é possível*”. Mas perdão, caro leitor, não há nada. O único “*grande feito*” dela foi ter costurado a primeira bandeira do PT, em 1980.

Um outro “*grandiosíssimo feito*” para o país foi realocar para sua casa a sede do sindicato dos metalúrgicos enquanto Lula esteve preso; e que interessante: Lula, em condições de presidiário, parece conseguir um feito extraordinário de atrair mais mulheres do que o ex-vocalista do *Skid Row*, *Sebastian Bach*, no auge da sua beleza nos anos 80.

E assim como dona Marisa cuidava dos “*negócios*” do marido enquanto presidiário, assim fazia a nova esposa de Lula, Rosângela, quando Lula esteve preso na sede da Polícia Federal, em Curitiba, Paraná. Inclusive, foi assim que os “*pombinhos*” começaram a namorar.

Embora seja conhecida como socióloga, dona Janja nunca exerceu a profissão, tendo trabalhado em estatais e em cargos por indicação. Ela é filiada ao PT desde 1983 e conhece Lula desde os anos 90 (hum, nesse mato tem coelho). E dona Marisa ainda estava com seu cadáver quente quando Janja resolveu fazer visitas a Lula. O resto da história já conhecemos.

Mas, talvez a pergunta que o leitor esteja fazendo seja “*E quais os feitos de Janja como primeira-dama?*”. Bom, logo no dia da posse descobrimos que dona Janja tem talento para organizar eventos – embora não possua bom gosto para fazer o mailing dos artistas. O chamado “*Festival do Futuro*” reuniu quarenta e duas atrações confirmadas para a festa, que se apresentaram nos palcos batizados *Elza Soares* e *Gal Costa*, cantoras que faleceram em 2022.

As duas ex-primeiras-damas citadas neste artigo visavam o bem-estar social dos mais vulneráveis; mas dona Janja pensa apenas em sua panelinha ideológica. Feminista declarada, ela dispõe de um gabinete para fomentar os movimentos e ideologias que visam estabelecer a “*igualdade de gênero*”.

Danielly Jesus

Outra “*pauta importantíssima*” para Janja é “*combater a desinformação*”; no dia 8 de Fevereiro de 2023, no Palácio do Planalto, ela recebeu influenciadores digitais que fizeram campanha para Lula durante o segundo turno da corrida presidencial.

Ela chegou a anunciar que iria assumir a coordenação da *Rede de Inclusão e Combate à Desigualdade da Organização dos Estados Ibero-americanos* no Brasil; o convite foi aceito durante viagem da comitiva presidencial à Espanha. Contudo, esta viagem foi realizada em 2023 e até o presente momento em que escrevo este artigo não há uma única ação concreta nesta questão - nem sabemos sequer se ela assumiu este cargo.

Há uma outra característica que, penso eu, Lula preza ao escolher uma esposa: a falta de decoro. Dona Marisa, com toda sua elegância britânica, pediu gentilmente que “*enfiassem as panelas no c...*”; e dona Janja, com toda a sua etiqueta aprendida em Cambridge, emitiu um sonoro “*F... you, Musk*” em plena abertura do G20, evento que reúne líderes das principais economias do mundo. Imagino o orgulho que Marisa deve ter sentido onde quer que esteja; muito provavelmente pensou “*Essa é das minhas!*”

Não critico a postura de Janja apenas por ela ser de esquerda; nunca vimos, por exemplo, a esposa de Joe Biden ou de Bill Clinton cometendo desatinos e quase provocando rasuras diplomáticas. Talvez o problema seja o marido. Afinal, Marisa e Janja dariam uma boa dupla sertaneja, com um álbum intitulado “*As cachaças de Lula*”.

Visite nossa [Livraria](#)



MENEZES COSTA
COM CONHECIMENTO SE CONSTRÓI CIDADANIA

Livraria

Curso Menezes Costa



REVISTA CONHECIMENTO & CIDADANIA
ISSN 2764-3867
VOL. 1 | 2ª EDIÇÃO ESPECIAL - DEZEMBRO 2022
E-book
2ª edição especial



REVISTA CONHECIMENTO & CIDADANIA
ISSN 2764-3867
VOL. 1 | 1ª EDIÇÃO ESPECIAL - MAIO 2022
Edição especial



Leandro dos Santos Costa (autor)
e Muriqui Menezes Costa (autora)
Direito nas Escolas
Volume 1
Noções de Direito Constitucional para alunos do Ensino Médio

Zumbi dos Palmares Herói ou Vilão?



O dia 20 de novembro é comemorado no Brasil como o Dia da Consciência Negra, uma homenagem a Zumbi dos Palmares. Zumbi é frequentemente celebrado como um herói da resistência contra a escravidão, líder do Quilombo dos Palmares, um refúgio de escravos fugidos que resistiu à colonização portuguesa por quase um século. No entanto, a figura de Zumbi é controversa. Alguns historiadores argumentam que, além de ser um líder de resistência, ele também cometeu atos violentos e cruéis, como a execução de prisioneiros e ataques a fazendas e povoados.

Enquanto Zumbi é lembrado, muitos verdadeiros heróis negros são frequentemente esquecidos pela história. Um exemplo notável é Maria Firmina dos Reis, uma escritora maranhense e romântica do século XIX. Nascida em 11 de março de 1822 e falecida em 11 de novembro de 1917, Maria Firmina não só publicou o primeiro romance escrito por uma mulher negra no Brasil, "Úrsula", como também foi uma professora, musicista e pioneira na educação inclusiva.

Maria Firmina dos Reis fundou a primeira escola mista do Brasil, uma instituição que acolhia crianças de diferentes origens, promovendo a inclusão e a igualdade. Sua obra "Úrsula" é precursora da temática abolicionista na literatura brasileira, tratando de questões relacionadas à escravidão e à luta pela

Juliette Oliveira

liberdade com uma sensibilidade única. Este romance é considerado o primeiro no gênero a ser publicado por uma mulher negra em todos os países de língua portuguesa.

Visto como um exemplo de superação e contribuição cultural, Maria Firmina dos Reis deveria ser lembrada e celebrada por suas realizações e seu impacto duradouro na educação e na literatura.

Outro negro de destaque, mas esquecido pela esquerda brasileira foi André Rebouças. André Rebouças foi um engenheiro, inventor e abolicionista brasileiro, nascido em 13 de janeiro de 1838, em Cachoeira, Bahia. Ele é conhecido por ser um dos principais articuladores do movimento abolicionista no Brasil e um dos primeiros engenheiros negros a se formar pela Escola Militar. Alguns dos principais feitos de André Rebouças incluem:

- Contribuições para a abolição da escravidão: Ele ajudou a fundar a Sociedade Brasileira contra a Escravidão, ao lado de Joaquim Nabuco e outros abolicionistas.
- Projetos de engenharia: Ele trabalhou em projetos importantes, como a construção de docas e a solução de problemas de abastecimento de água no Rio de Janeiro.
- Participação na Guerra do Paraguai: Durante a guerra, ele desenvolveu um torpedo que foi utilizado com sucesso.
- Exílio na Europa: Após a Proclamação da República em 1889, ele se exilou na Europa junto com a família imperial e passou os últimos anos de sua vida trabalhando pelo desenvolvimento de territórios africanos.

André Rebouças também deveria ser lembrado como uma figura importante na história do Brasil, tanto por suas contribuições técnicas quanto por seu compromisso com a causa abolicionista.

Mais um nome esquecido: Teodoro Fernandes Sampaio. Engenheiro, geógrafo, escritor e historiador brasileiro, nascido em 7 de janeiro de 1855 em Santo Amaro da Purificação, Bahia. Filho de Domingas da Paixão do Carmo, uma mulher negra escravizada, e possivelmente do padre Manuel Fernandes Sampaio, Teodoro teve uma infância marcada por desafios, mas também por uma forte dedicação à educação.

Ele estudou no Colégio São Salvador e depois ingressou no curso de Engenharia do Colégio Central no Rio de Janeiro, onde se formou em 1878. Durante seus estudos, Teodoro também lecionou e trabalhou como desenhista no Museu Nacional. Após se formar, ele retornou à sua cidade natal e libertou alguns de seus irmãos que ainda estavam escravizados.

Teodoro Sampaio teve uma carreira prolífica, participando de várias comissões importantes, como a Comissão Hidrológica nomeada pelo imperador Dom Pedro II e a Comissão Geográfica e Geológica de

Juliette Oliveira

São Paulo, onde realizou a primeira medição de base geodésica do Brasil. Ele também foi engenheiro-chefe da Companhia Cantareira e Diretor e Engenheiro Chefe do Saneamento do Estado de São Paulo.

Além de suas contribuições técnicas, Teodoro Sampaio também foi um escritor e historiador, publicando obras sobre o rio São Francisco e a Chapada Diamantina, além de estudos sobre povos indígenas como os Tupis e os Krahôns. Ele foi um dos fundadores do Instituto Geográfico e Histórico de São Paulo e do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, e atuou na política, sendo deputado federal entre 1927 e 1929.

Teodoro Sampaio é mais um nome descartado pela esquerda brasileira, mas que deixou um legado significativo na engenharia, geografia e história do Brasil.

Como podemos notar, existem muitos nomes e figuras negras que tiveram grandes contribuições em nosso país. Mas infelizmente foram desconsiderados, pois não viveram alinhados com as narrativas que a política brasileira de esquerda gosta de exaltar. A celebração do Dia da Consciência Negra deveria ser uma ocasião para refletir sobre a verdadeira história e as contribuições dos negros na formação do Brasil. Infelizmente, às vezes parece que estamos mais inclinados a transformar esse dia em um desfile de assombrações zumbis, esquecendo o significado profundo da data e dos sacrifícios de tantos.

Por falar em zumbi, essa tendência de desvirtuar datas importantes não é uma atitude dos dias de hoje. Ao longo da história vivenciamos esse tipo de atitude inúmeras vezes. Coincidência ou não, recentemente passamos por uma onda de exaltação de uma data sombria. Confundir valores e mentes é um artifício bem antigo.

Estamos falando sobre a data do Halloween. Mas o que o Halloween tem a ver com a figura de Zumbi dos Palmares? Vejamos. Essa tática das trevas de recontar histórias e endeusar vilões não é exclusividade apenas do Dia da Consciência Negra no Brasil. A data do Halloween já foi uma festa adotada no calendário cristão. Isso mesmo. Essa tendência de desvirtuar datas importantes pode ser comparada ao que aconteceu com o Halloween.

O Halloween tem suas raízes em uma antiga celebração celta chamada Samhain, que marcava o fim da colheita e o início do inverno, uma época frequentemente associada à morte. Os celtas acreditavam que, na noite de 31 de outubro, o véu entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos era mais fino, permitindo que os espíritos retornassem à terra. Logo, tem origens pagãs.

Contudo, em um momento da história “se aproveitou essa comemoração” e tornou-se uma celebração religiosa conhecida como a véspera de Todos os Santos (All Hallows' Eve). As fantasias sombrias inicialmente foram adotadas como uma catequese em teatrinhos para lembrar aos fiéis a dicotomia Céu x Inferno.

Juliette Oliveira

Quando o cristianismo se espalhou pela Europa, a Igreja Católica tentou dar uma nova contextualização a essas celebrações pagãs, estabelecendo o dia de Todos os Santos em 1º de novembro para honrar todos os santos e mártires cristãos. A véspera dessa festa, 31 de outubro, passou a ser conhecida como All Hallows' Eve, que mais tarde se transformou em Halloween.

Passado muitos anos, o Halloween foi transformando-se em uma festa secular e comercial, cheia de fantasias e atividades que pouco têm a ver com seu propósito inicial de honrar os santos e lembrar os mortos. Os cinemas de Hollywood começaram a dar glamour ao lado sombrio da vida (realmente é de pasmar!!!).

Para os cristãos, a véspera de Todos os Santos deveria ser uma noite de reflexão e preparação espiritual, onde se honra a memória dos santos e se reza pelos entes queridos falecidos. Houve uma época que era celebrada uma missa de Halloween, com liturgia dedicada a essa data!!! No entanto, a comercialização e popularização do Halloween têm levado muitos a verem a festa moderna como algo que promove práticas incompatíveis com a fé cristã, como a invocação de espíritos e a glorificação do macabro.

Muitos cristãos argumentam que o envolvimento com elementos como fantasmas, demônios e bruxas pode abrir portas para influências espirituais negativas e afastar as pessoas dos verdadeiros ensinamentos de Cristo. Além disso, há a preocupação de que a celebração do Halloween possa banalizar a seriedade da vida após a morte e a importância do respeito pelos mortos.

Por isso, é muito importante sabermos escolher quem exaltamos como nossos heróis. Exaltar figuras desvirtuadas como Zumbi de Palmares nos abre inúmeras brechas no mundo espiritual. Aplaudir a barbárie e a crueldade é renegar tudo aquilo que Cristo nos ensinou durante sua estadia na Terra.

A fé cristã já é completa e conta com inúmeras festas. Não há necessidade de incluirmos mais celebrações em nossa rotina. Contamos com o Natal, celebração do nascimento de Jesus Cristo que é uma época de grande alegria e reflexão espiritual. Além das celebrações litúrgicas, muitas comunidades realizam atividades que envolvem caridade e ajuda ao próximo.

Em seguida temos a Páscoa, a maior festa do cristianismo, que comemora a ressurreição de Jesus Cristo. É um período de renovação espiritual e celebrações que incluem missas, vigílias e atividades comunitárias.

Essas festas, entre outras, mostram que o cristianismo oferece uma rica tapeçaria de celebrações e rituais que são profundamente significativos e espiritualmente enriquecedores, sem a necessidade de adotar festividades que se desviem dos ensinamentos e valores da fé. Não precisamos de uma festa que exalte figuras diabólicas. O dia de São Cosme e Damião que até pouco tempo era celebrado em escolas e

Juliette Oliveira

distribuídas sacolinhas de doces tem total repúdio porque o “Estado é Laico”. Mas o Halloween pode? Contraditório, não?

Vivemos tempos de profunda reflexão e que nos chamam a viver em constante vigília para não caímos em armadilhas que parecem bobas, mas que não são nada inocentes. Devemos sempre buscar o discernimento na escolha de como celebrar e lembrar de datas significativas, garantindo que o foco permaneça nas práticas e significados espirituais autênticos e cristãos.

Em suma, o dia da Consciência Negra foi pensando com um propósito – talvez até bem intencionado – infelizmente virou arma na mão de pessoas mal intencionadas que, ao invés de enaltecer “os pobres e oprimidos”, escolhem enaltecer bandidos e pessoas demoníacas. Não se iluda, o Halloween não é somente dia 31 de outubro.

[Siga nosso canal no TikTok](#)



Liberdade e desenvolvimento

A chave para o progresso econômico e social no Brasil



A liberdade, amplamente discutida por filósofos e economistas, é um pilar essencial para que os indivíduos se tornem protagonistas de suas vidas. John Stuart Mill, em sua obra *Sobre a Liberdade*, argumenta que a autonomia é vital para o desenvolvimento pessoal e coletivo. Já Adam Smith, em *A Riqueza das Nações*, apresenta o conceito de “mão invisível do mercado”, afirmando que a liberdade individual permite que os recursos sejam alocados de maneira mais eficiente, promovendo prosperidade.

No Brasil, o conceito de liberdade parece estar em conflito com os debates sobre políticas econômicas e trabalhistas, como a redução da jornada de trabalho. Apesar das intenções de proteger a saúde mental do trabalhador, é necessário considerar o impacto que tais medidas têm sobre a produtividade e o crescimento econômico.

O Debate Sobre a Redução da Jornada de Trabalho

A discussão sobre a escala 6x1, consolidada na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) de 1943 durante o governo de Getúlio Vargas, ressurge como uma tentativa de modernizar as relações trabalhistas. Embora esse regime tenha sido um marco histórico ao estabelecer direitos fundamentais aos trabalhadores, ele reflete um contexto que mudou pouco em relação às necessidades de um

Marlon da Costa

mercado globalizado e altamente competitivo.

Propostas para reduzir a jornada de trabalho buscam melhorar a qualidade de vida e proporcionar mais tempo para estudos e atividades pessoais. Contudo, em um país onde a produtividade é extremamente baixa — são necessários quatro brasileiros para produzir o que um trabalhador norte-americano faz sozinho —, trabalhar menos pode piorar os problemas estruturais da economia, sem resolver as questões fundamentais.

Entraves ao Progresso Econômico

O Brasil enfrenta barreiras significativas para o progresso econômico. Fatores como instabilidade fiscal, alta do dólar, juros elevados e um sistema tributário complexo dificultam o desenvolvimento sustentável. Pequenas e médias empresas, que geram cerca de 70% dos empregos formais e contribuem com mais de 27% do PIB, segundo o Sebrae, são particularmente prejudicadas. Apesar de serem cruciais para a economia, enfrentam dificuldades de acesso a crédito, altos encargos tributários e competição desigual com grandes corporações que recebem incentivos fiscais.

O empregador brasileiro paga, em média, 70% a mais sobre o salário devido a encargos trabalhistas, como FGTS, INSS e outros benefícios obrigatórios. Isso significa que, para um salário de R\$ 1.000,00, o custo real para a empresa é de aproximadamente R\$ 1.800,00. Esse fardo financeiro desestimula contratações e inovações, impactando negativamente o crescimento econômico.

Impacto no Trabalhador

Além de onerar o empregador, o sistema tributário também prejudica o trabalhador. Parte considerável de seu salário é descontada diretamente em folha para FGTS, INSS, contribuição sindical e Imposto de Renda. Como resultado, o trabalhador tem menos dinheiro disponível, com um poder de compra reduzido pela inflação. Esse ciclo vicioso impede tanto empresas quanto trabalhadores de prosperarem, enquanto o governo continua se beneficiando de arrecadações crescentes, sem cortar despesas ou modernizar sua estrutura.

Liberdade como Solução

A verdadeira solução para os desafios econômicos e sociais do Brasil está na ampliação da liberdade econômica. Permitir que empregadores e trabalhadores negociem diretamente condições de trabalho e remuneração tornaria o mercado mais dinâmico e eficiente. Empresas poderiam ajustar suas contratações conforme as necessidades reais, enquanto os trabalhadores teriam mais

Marlon da Costa

autonomia para gerenciar seu tempo e renda.

Adam Smith argumenta que mercados livres, guiados pela “mão invisível”, tendem a alcançar equilíbrio e prosperidade. Esse princípio é especialmente relevante para o Brasil, onde a interferência excessiva do governo em regulações trabalhistas e tributárias sufoca a produtividade.

O debate sobre a redução da jornada de trabalho é apenas um reflexo de problemas mais profundos no sistema econômico brasileiro. A produtividade baixa, o excesso de regulamentações e a alta carga tributária impedem o país de alcançar seu verdadeiro potencial. O foco deveria ser na promoção da liberdade, permitindo que indivíduos e empresas tomem decisões que favoreçam a eficiência e o crescimento.

A liberdade, acompanhada de reformas estruturais que simplifiquem tributos e modernizem as leis trabalhistas, pode transformar o Brasil em uma nação mais competitiva e próspera. A solução não está em trabalhar menos, mas em trabalhar de forma mais eficiente, com menos interferência governamental e mais autonomia para os protagonistas da economia: os trabalhadores e os empresários.

O deep state do deep state



Sociedades secretas existem desde que o mundo é mundo, e grupos de extermínio altamente sofisticados, surgidos quase que paralelamente a elas, também. Eles são o lado mais obscuro do sistema.

O cinema tem tratado esses grupos de uma forma bem crua e até certo ponto poética, como convém à arte, dando a eles uma roupagem, às vezes espiritual, como em “Assassin's Creed” (2016), onde uma sociedade ancestral de assassinos se vê às voltas com – outra sociedade secreta – os Templários por conta de um imbróglio envolvendo a maçã que estava no Jardim do Éden. Podemos ver também a presença desse submundo quase que onipresente em “Vidas em Jogo” (1997), um dos filmes mais subestimados do sempre excelente David Fincher, e também no irregular “O Pacto” (2012), do bom, mas irregular Roger Donaldson. São bons exemplos de confrarias que agem nas sombras determinando sua própria justiça e descumprindo todas as regras possíveis. Talvez um dos exemplos mais crus desse sistema seja “O Procurado” (2008), uma pérola ainda desconhecida do grande público, com Morgan Freeman, James McAvoy e Angelina Jolie. Enredo padrão: uma sociedade antiquíssima de assassinos sempre agindo além das linhas para impor algum tipo de “justiça” ao mundo.

Nada, porém, consegue ser mais didático nesse ponto, do que a tetralogia “John Wick”, a maior já feita no cinema. A série que começa em 2014 com “De Volta ao Jogo” e termina em 2023 com o absurdo “Baba Yaga”, apresenta ao mundo uma sociedade secreta de assassinos que, segundo a minissérie

Neto Curvina

“Continental” (2023), que conta eventos antes da franquia original, remonta a um período “anterior ao Império Romano”. Em resumo, a “Alta Cúpula” é mais antiga do que Cristo.

Com os filmes vamos entendendo que a “Alta Cúpula” é uma organização formada por grupos e famílias que trabalham para ela em troca de certos privilégios. É uma milícia de mercenários com alcance global, regras rígidas, hierarquia bem definida e legislação própria. Em suma, a “Alta Cúpula” é o sistema dentro do sistema, o deep state dentro do deep state, que não responde para ninguém. Ela junta a mística das sociedades secretas, a tradição das genealogias e o pragmatismo dos assassinos de aluguel. Ao se virar contra ela, John Wick nos apresenta a um mundo completamente aparelhado pelo sistema, como já avisava as Escrituras: “*O mundo inteiro jaz no maligno*” (I João 5:19), com olhos e ouvidos em todos os lugares, completamente conectado e interdependente. O mundo da “Alta Cúpula” é o mesmo mundo governado pela “Matrix”, só que na vida real. Seus assassinos alistados são como o agente Smith, estão em toda parte, de modo que você cruza com eles a todo instante, mas não sabe de quem se tratam, até que eles tentem te destruir. Se a Matrix tem seu “analista”, a Alta Cúpula tem seu “ancião” (ou superintendente). No final, ambas falam da mesma coisa e mandam o mesmo recado.

Tanto a Alta Cúpula como a Matrix esbarram em você o tempo inteiro. Eles estão nas megacorporações que controlam suas finanças, nas multinacionais que você ajuda a manter com suas compras, na grande mídia que está da sua TV ao seu smartphone. Quando você resmungar algo perto do seu aparelho celular, e logo em seguida ele te oferece um produto referente ao que você resmungou, é a Matrix dizendo: “Olá, estamos aqui!”. Quando gente famosa some ou morre de forma inexplicada/inesperada, como JFK, Gandhi ou Martin Luther King, é a Alta Cúpula. Esse é o primeiro recado: ninguém está seguro. Mesmo quem acha que tudo não passa de mais uma teoria da conspiração, não está livre de se deparar com mais essa “teoria”. É só entrar no caminho do sistema. Não precisa ser muito inteligente para entender que, embora esses eventos não estejam especificamente ou diretamente ligados, eles ocorrem em padrões semelhantes aos mostrados nos filmes. Assim como não sabemos quem controla a Matrix ou a Alta Cúpula, uma informação deixada no limbo de forma proposital, porque no final das contas tudo e todos os envolvidos servem ao mesmo patrão, Satanás, a ideia é deixar tudo no campo da imaginação, para reforçar ainda mais a ideia de paranoia, enquanto eles seguem agindo.

O segundo recado é mais sombrio. John Wick e Neo morrem ao final. Ainda que “Matrix” o ressuscite no quarto episódio, para pagar aquele mico colossal, a verdade é que quem tem um pouco de experiência com filmes sabe que a coisa foi pensada para acabar no terceiro, assim como Wick acaba no quarto episódio. Trazer Neo de volta para agradecer à narrativa woke/feminista foi um fiasco. Não por acaso custou cerca de 200 milhões de dólares e não rendeu nem perto de disso. Fracasso retumbante e merecido. O cinema, assim como na história, no mundo real, mostra que os “bugs” e “outsiders” podem fazer o

Neto Curvina

estrago que quiserem, mas ao final serão sumariamente eliminados por um mundo que eles – desgraçadamente – ajudaram a criar. Ampliando os horizontes cinematográficos, foi assim com Spartacus e o General Maximus. Todos traídos pelo deep state de sua época.

Isso ocorre porque a humanidade ainda não se deu conta (ou se perdeu dela) de que o pano de fundo para tudo isso é mais espiritual do que se pensa. Yeshua, o único ‘outsider’ que encarou o sistema e venceu, expôs isso, ao mostrar a influência satânica por trás do deep state de sua época, composto por Judas, fariseus e romanos. O primeiro ficou possesso, aos segundos ele chamou de filhos do Diabo (**João 8:44**) e os outros dispensam apresentação. Quando em **João 16:33** ele, Yeshua, diz: “*Eu venci o mundo!*”, entre outras coisas está querendo dizer: “Eu venci o sistema!”, mas também “Vocês também podem vencer, mas tem que vir comigo!”.

É o conceito de fé exposto pelo personagem Morpheu, vivido por Laurence Fishburne, e devidamente desconstruído (propositalmente) no quarto episódio, em que fazem o favor de tornar essa fé e o sacrifício de Neo completamente inúteis, e até prejudiciais. Porque a fé em Yeshua, o único venceu o mundo, o sistema e o deep state, e voltou para nos provar que é possível, é a arma mais poderosa que temos para lidar com o que nos cerca, ou, como diz a Escritura, “anda ao nosso redor” (**I Pedro 5:8**).

[Inscreva-se em nosso canal no YouTube](#)



SIGA NOSSAS REDES SOCIAIS!



[Canal whatsapp Revista Conhecimento & Cidadania](#)



revistaconhecimentocidadania@gmail.com



[@revistaconhecimentocidadania](#)



[@revistaconhecimentocidadania](#)



[@RevConhecimento](#)



<https://www.vakinha.com.br/4961006>



[@RevistaConhecimentoCidadania](#)



[Revista Conhecimento & Cidadania](#)

REVISTA

ISSN 2764-3867

CONHECIMENTO &
CIDADANIA

Com conhecimento se constrói cidadania



